



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

editorial

AINDA O PINHAL DE FÃO

A nossa apreciada colaboradora M. R. publicou um texto no nosso jornal onde se insurge contra aqueles que aqui em Fão, pessoas e instituições, estão contra o abate de árvores no pinhal.

Embora não comungando com as suas ideias, nós publicámos o seu artigo que se estendeu por dois jornais, exactamente os números 172 e 173. Não faltaram pessoas que nos perguntaram por que motivo, defendendo "O Novo Fanguero" o *sim* às árvores, deixávamos publicar textos onde era defendida o *não*.

Queremos lembrar que este jornal não representa a voz do dono. "O Novo Fanguero" tem assinantes dos vários partidos políticos e das mais variadas opções ideológicas; os seus colaboradores não afinam pelo mesmo diapasão filosófico; os anunciantes têm as ideias que têm e nós nunca quisemos saber com que óculos observam a vida. A única recomendação que raramente deixamos expender é que não explanem matéria que possa colidir com as boas relações existentes entre Fão e Esposende. É este o único reparo que ousamos expressar, partindo do princípio que em matéria de religião e política haverá — e aliás tem havido — uma certa contenção e morigeração. E dentro dessa morigeração entra o respeito pelo ser humano. Já mais que recebemos "material" a achincalhar determinadas pessoas. Evidentemente que não lhe demos guarida.

É evidente que uma terra tem uma vida própria; possui dirigentes associativos e autarcas que interferem no seu bem estar e no seu destino. As pessoas que nela vivem tem que se importar com o modo como a terra é gerida. E devem falar, criticar se for preciso e incentivar quando seja caso disso também. É esse o papel que incumbe de igual modo à imprensa. Esta não pode ser apenas uma acta do que se passa. Tem um papel interventor que lhe é dado pelas várias pessoas que nela (imprensa) intervêm. Sendo várias as pessoas, são também várias as opiniões que são emitidas. No próximo número iremos explicar ou antes, defender o nosso ponto de vista em relação às árvores que não se ajusta totalmente com as ideias de M.R.

No Lar da Terceira Idade

No dia 25 de Outubro foi comemorado condignamente O Dia do Idoso. Quer a Direcção, quer a boa fada, perdão, a D. Arminda, quer os funcionários não pouparam esforços para que os utentes daquela casa sentissem à sua volta o carinho que os seus familiares não lhes puderam conceder.

A festa começou com uma missa que teve o seu início às quinze horas acompanhada a cânticos pelos funcionários e pelos idosos. A letra dos cânticos ligavam Fão à data que se comemorava. Foi celebrante o nosso (ainda é nosso) Prior que à homília teceu algumas considerações com a efeméride que se celebrava.

No final todos os presentes entoaram uma linda canção ligada também ao Dia do Idoso que mereceu uma entusiástica salva de palmas de todos

os presentes, entre os quais alguns utentes do Lar de Apúlia.

Findo o acto litúrgico, todo o mundo se dirigiu para a sala de convívio onde foi servido um agradável lanche. O grupo de Apúlia surpreendeu tudo e todos com lindas cantigas do seu repertório.

Faltou, isto é, deu-se pela sua falta, o cantoneiro já saudoso, João Faria que com o seu violão era um ferrinho nestas festividades. Onde quer que te encontres, caro João, sabe que nos lembramos de ti.

As crianças das nossas escolas também participaram com algumas leituras nesta inolvidável festança.

(Continua na pág. 6)

Pagamento de assinaturas

Mais uma vez vimos lembrar o favor de pagarem a assinatura. Actualmente menos de um terço é que tem contas em dia, o que nos traz graves problemas financeiros.

O jornal está a dar prejuízo de centenas de contos por ano.

PROSAS

inSIGNIFICANTES - 2

J. C. VINHA NOVAIS

"Nunca ainda se ensinou o povo ao povo. Nunca se lhe disse que ele, também, podia ter orgulho por tudo o que fez".

JEAN GUÉHENNO citado em *Glória uma aldeia do Ribatejo - ensaio etnográfico* de Alves Redol - 1937

Mexer nos livros que, por vezes, descansam tantos anos nas estantes que os esquecemos, traz-nos surpresas. Por hoje, este belo texto de Eduardo de Oliveira, talvez veraneante da Barca do Lago no ano em que o escreveu e que, só por ter medo de ocupar muito espaço ao N.F. não transcrevemos na íntegra. Perdoe-me o autor, se ainda entre os vivos, o atrevimento de o surripiar ao livro MONÓLOGO editado no Porto no ano de 1957. Como os leitores podem apreciar, trata-se de uma descrição viva e colorida de um quadro há muito desaparecido da praia de Fão e de que só os mais velhos se recordarão.

Extraído de "O MONÓLOGO" de Rduerio de Oliveira

Sobreiro - Barca do Lago
9 de Janeiro (1943))

Nos areais de Fão.

A legião dos sargaceiros descidos de um Capitólio de dunas em lei de ventos, marés revoltas e sargaços. As *branquetas* — casacas brancas de lã pura, num sabor de ovelhas, montes e mar, de recorte ondeante e abotoadas de cima abaixo desde o pescoço até meio da coxa — cingem-nos, completamente nus. Qualquer roupa por baixo, com a permanência de horas seguidas dentro da água, macerando a pele, acabaria por feri-los. Um cinto de couro ajusta-lhes a *branqueta*, fechando o peito, que assim mal se molha e não arrefece. Na cabeça os *suestes*, de flores pintadas e as iniciais de cada um. Na mão, a arma — o *rodafol*: saco grande de rede e cabo comprido de madeira, a modo de arco sagitário. Rasa a areia, sob as águas, paralelo à orla, e vai-se enchendo de algas.

Na praia as *carrelas*, as *gravetas*, os *engaços*, esperam. Levarão logo os sargaços aos montes para as dunas, onde o estendem a secar. Tudo aquilo agora corre, salta, fura as vagas, tira. Competição pacífica, cada qual colhe o melhor que pode sem prejudicar os vizinhos. Alguns mesmo associam-se e dividem depois a colheita. São todos lavradores aqui de três aldeias em roda, e buscam no mar o estrume, que a rareza de matos não lhes dá em terra.

Umás mulheres, poucas, de saias arregaçadas até acima do joelho e chapéu de feltro na cabeça, ajudam a puxar o *rodafol* para a areia, ou tiram o sargaço com as

(Continua na pág. 3)

ESPOSENDE

Por **ARTUR L. COSTA**



PORTUGAL DINAMARCA TURQUIA

Futebol Internacional – Europa Sub-18 Portugal na fase seguinte

Terminou em 15 de Outubro findo, o maior acontecimento desportivo internacional realizado em Esposende. Portugal representado pela selecção de futebol Sub-18, qualificou-se para a fase seguinte do Campeonato da Europa de 1998/99 ao vencer o Torneio de Qualificação.

Em cima do acontecimento, o Torneio foi apresentado na Câmara Municipal de Esposende, embora com pormenores quanto à instalação da sede do torneio, com escolha de Esposende, pelas condições e facilidades concedidas, localização e meios para a preparação da selecção.

Presidiu à sessão de apresentação do Torneio, Alberto Figueiredo, presidente da Câmara Municipal que nas breves palavras de abertura salientou a posição de Esposende no campeonato nacional da 2.ª Divisão de Honra, as classes mais jovens e, também, a aposta do Município no sector, quando afirmou: "Estamos no desporto e no lazer e isso constitui a nossa aposta. Foi com satisfação que acolhemos e apoiamos a organização". O representante da FPF elogiou o apoio da Câmara Municipal e o seu presidente pois disse: "É preocupação da FPF continuar a descentralizar os jogos internacionais porque os jovens merecem e o Norte tem a possibilidade de ver a nossa selecção". Referiu-se depois, à visita dos atletas às Escolas, que foi positivo, pelo convívio. Carlos Coutada, presidente da A. F. de Braga, elogiou a escolha de Esposende e o presidente da Câmara, "o autarca modelo" e, acrescentou: "É de realçar a colaboração do poder local e o movimento associativo. É a terminar: "Braga é um exemplo de Escolas de Formação profissional dos jovens, no futebol", a que Esposende tem correspondido.

As selecções participantes, Portugal, Dinamarca e Turquia estiveram alojadas no Hotel de Ofir.

A Câmara Municipal comparticipou o Torneio com dois mil e quinhentos contos.

A tradicional hospitalidade – Braga em destaque

Em 12 de Outubro, o Município ofereceu um jantar de boas-vindas às Delegações das equipas participantes, árbitros, delegado da UEFA, técnicos, dirigentes da FPF e A. F. de Braga, Adriano Pinto da A. F. do Porto, representantes dos Clubes do concelho de Esposende e de Barcelos. O presidente da Associação de Braga, na sua intervenção pediu a organização do Campeonato da Europa a que o Delegado da UEFA prometeu transmitir na oportunidade à entidade, em representação.

João Cepa, em representação do Presidente da Câmara Municipal, face ao impacto do Torneio, sobretudo entre as camadas mais jovens, referiu-se à política do Desporto da Câmara Municipal dizendo que se trata de acontecimento desportivo "de qualidade e de prestígio para o Concelho".

Intervieram Des Casey, Delegado da UEFA, representante da FPF, da A. F. de Braga, sendo a tónica a Escola de Jogadores.

Assistiram, os Vereadores Dr. Penteado Neiva

e Jorge Cardoso, ligados ao Pelouro Desporto e Cultura.

No final, as delegações fizeram troca de lembranças, de emblemas e de galhardetes.

PORTUGAL, 2 – TURQUIA, 2

Jogo disputado no Estádio Municipal de Esposende.

Portugal alinhou: Mingote; Pedro Costa (Marco Aurélio), A. Ramos, Tonel; J. Pedro, Sousa (P. Teixeira), Edmilson (cap.), Baião; Ernesto, Cândido Costa e Edgar (Chicabala).

Árbitro: Vladimir Hrinack, da Eslováquia.

O empate registado reflecte a luta das duas equipas para lançar os três pontos. Contudo, pelo jogo produzido Portugal merecia a vitória. A Turquia embora mais possante e mais tática, teve a sorte do jogo pelo seu lado.

Em Barcelos, dia 13 de Outubro:

PORTUGAL, 5 – DINAMARCA, 1

Sem grandes mexidas na constituição da equipa, os portugueses não tiveram dificuldades frente aos dinamarqueses.

Na última jornada, disputada no Estádio Municipal de Esposende, o resultado iria decidir qual das equipas seria a qualificada.

TURQUIA, 1 – DINAMARCA, 3

As previsões apontavam para outro resultado, considerando-se o comportamento da Turquia contra Portugal. Todavia os dinamarqueses tiveram melhor fio de jogo e venceram sem dificuldades. Aliás, a verdade do Torneio, disputado por pontos e a uma só volta, confirmou-se pela qualificação de Portugal.

Classificação final: 1.º Portugal, 4 pontos (1 empate e 1 vitória); 2.º Dinamarca, 3 pontos (1 vitória e 1 derrota); 3.º Turquia, 1 pontos (1 empate e 1 derrota).

A Câmara Municipal incentiva a prática do Desporto, revelou João Cepa, Vereador substituto do Presidente

Antes de se iniciar o jantar de boas-vindas às Delegações das equipas da Dinamarca, Turquia e Portugal, o vereador substituto do Presidente, João Cepa, fez algumas declarações a "O Novo Fangeiro" relacionadas com o torneio em disputa, para o Campeonato da Europa Sub-18, 1998/99.

A questão levantada, a iniciar a conversa foi, saber quais as razões que levaram o Executivo a fazer a sua aposta no Desporto?

João Cepa – A política desportiva da Câmara Municipal assenta em três vertentes essenciais: criação de infra-estruturas desportivas que tem sido a grande aposta dos últimos anos. Como sabe, temos hoje, em Esposende, um conjunto de equipamentos desportivos, bastante significativos que nos coloca a um nível nacional e num lugar de privilegiados, neste aspecto; temos depois, o apoio que tentámos dar ao desporto, lado competição, lado desporto lazer, que tentámos junto das Associações e Clubes do concelho. Temos, também, a parte espectacular do desporto e, talvez, esta iniciativa da Câmara se enquadre nessa vertente, porque entendemos, que se tratava de uma iniciativa de qualidade e de prestígio para o concelho, pelo facto de sermos palco desta prova internacional. Por outro lado, pensamos: isto poderá ser um incentivo para os nossos jovens, ao verem pessoas da mesma idade envergar a camisola nacional.

N. Fangeiro – A Câmara Municipal tem na mira incentivar a juventude para o desporto?

João Cepa – Sim. É isso. Repare-se, os nossos jovens, ao verem outros da mesma idade a

disputar um jogo de futebol a nível internacional, neste estádio, terão um grande estímulo para tentarem ir mais além. Se mais não for, há pelo menos, a prática do desporto, neste caso, o futebol.

N. Fangeiro – Nesta cerimónia o que poderá dizer aos convidados estrangeiros?

João Cepa – Dar-lhes as boas-vindas e boa estadia junto de nós e apreciar o concelho. Manifestar a satisfação e a iniciativa da A. F. de Braga e da FPF e do apoio da Câmara Municipal, dentro da sua possibilidade.

• Hotel Nélia premiado com o Troféu "Falcão do Minho"

É pela segunda vez que o semanário vianense, "Falcão do Minho", atribui o Troféu de Qualidade a empresas e a serviços de qualidade, com mérito reconhecido pelas entidades da especialidade. Este ano, o Troféu Qualidade de Hotelaria/Turismo é atribuído ao Hotel Nélia, Esposende e distingue esta empresa já com reconhecido prestígio no sector.

Manuel José Dias Ferreira, empresário dinâmico e empreendedor desde longa data não respondeu à chamada para receber o Troféu, por se encontrar doente. Alguns dias depois somos surpreendidos pela notícia da sua morte.

• Dadores de Sangue em recolhas pelo Concelho

Devido a recente alteração de calendário das recolhas de dádivas voluntárias de sangue, em Novembro, a Brigada do Instituto Português de Sangue vai fazer as visitas previstas. Assim, Apúlia e Curvos, recebem a Brigada em 22 e 29, no Salão Paroquial e, a 13 de Dezembro, em Palmeira de Faro.

Apúlia é a segunda freguesia mais populosa, com 4264 habitantes. Em 1997 melhorou a sua participação com a subida de dadores, mas no ano em curso, a média voltou a melhorar. Sobre Curvos, com 997 habitantes, tem participado regularmente, com o número de dadores com tendência a aumentar.

Palmeira de Faro continua a ter boa participação de dadores.

As recolhas são da iniciativa da Associação dos dadores de Sangue de Esposende com o apoio do Instituto Português de Sangue e das Paróquias visitas.

• Fragata D. Fernando em fotografias

No Museu Municipal de Espodense abriu uma exposição de fotografias, que mostra as várias fases da reconstrução da Fragata D. Fernando e Glória, a última embarcação da Carreira das Índias. Pretende-se, assim, recordar como nasceu das cinzas a embarcação que testemunha a saga marinheira dos portugueses na descoberta de "Novos Mundos ao Mundo".

A fragata reconstruída esteve junto da EXPO/98 e foi uma das atracções aos visitantes e, por outro lado, fez reviver momentos da sua múltipla função: as viagens na Carreira do Oriente e o internato de rapazes até ser destruída pelo fogo.

"A Fragata que renasceu das cinzas", foi construída nos estaleiros navais de Damão, sendo lançada à água a 13 de Junho de 1932.

Acostou à muralha do Alfeite por volta de 1948, depois de uma viagem aos Açores, "destinada a recolher, alimentar, a instruir em regime de internato, os rapazes carenciados" e descendentes de pescadores.

Serve pois, a mostra de fotografias, para testemunhar como "renasceu das cinzas" a última Fragata da Carreira das Índias, para se avallar, também, a maravilha do ex-libris da Marinha de Guerra Portuguesa.

• Habitação social de Marinhas em concurso

Abriu concurso para venda de dois lotes de terreno, em Marinhas, que se destinam à auto-construção de habitação social.

Trata-se de mais uma aposta da Câmara Municipal para a melhoria da qualidade de vida da população. Por isso, os terrenos em concurso, "são postos à venda a custos reduzidos". A fim de se facilitar a candidatura, no processo inclui-se "o projecto tipo de construção, também", a "isenção de taxas de licenciamento".

O loteamento encontra-se em fase de conclusão, o que permitirá boas condições de construção de habitação social.

• Encontro do Executivo com a Comunicação Social local

Foi marcado, para 3 de Novembro, um encontro entre o presidente da Autarquia e a Comunicação Social local.

Devido ao período e data de saída do jornal, daremos a notícia em próxima edição.

ENLACE MATRIMONIAL

No passado dia 12 de Setembro, pelas 16,30 horas, realizou-se, na Igreja Matriz de Fão, o casamento de Alexandra Mariz Mendes com Jorge Paulo Santos. A Alexandra é a terceira neta dos professores Mário Ramiro Dias Ferreira e D. Aida Mariz da Venda e irmã da colaboradora deste jornal, Marta Mariz Mendes. Embora tendo nascido e sempre vivido no Porto, a Alexandra fez questão de casar em Fão, terra natal de seus avós e de sua mãe, e sua também pelo coração.



PROSAS

(Continuado da pág. 1)

gravetas. Em tempos, as saias e as blusas eram também de *branqueta*, mas hoje, nesta praia, vão como calha, pela carestia do pano.

Quando o sargaço se amontoa à beira, na maré baixa, os homens tiram-no com o *rodafol*. Na maré alta – a *comprente* – apanham-no com as *gravetas*, grandes ancinhos de madeira.

Arrastam agora o *rodafol* ao ombro, cheio e pesadíssimo, despejam-no junto da orla, e correm de novo ao mar, para virem passado pouco tempo de novo à areia, despejar a rede. Assim, abaixo, acima, esvaziados, cheios, horas a fio. Às vezes vão para lá ainda noite, e por ali se deixam ficar até à meia tarde ou até ao cair do dia, se a apanha é forte. Levam-lhes o comer, trabalham e esperam, adormecendo estendidos na areia entre histórias.

Setembro-98

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

A INVASÃO DAS AREIAS – A IGREJA MATRIZ E O BOM JESUS

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

II – O PORTO DE FÃO

Na Idade Média o porto de Fão era no Rio Cávado, sendo importante a par do de Esposende. Em 1530 estes dois portos eram chamados "bons portos de mar" e eram também estaleiros, pois neles se fabricavam com madeira da região, naus de várias toneladas⁽²⁷⁾.

Era um porto de águas profundas e, por isso, não é de estranhar que cartas náuticas dos séculos XV ao XVII mencionem o porto de Fão, como refere o dr. Manuel Albino Penteadó Neiva, grande investigador do passado de Fão⁽²⁸⁾.

Com o assoreamento do rio e fecho da barra deixamos de ter o porto e, aos poucos, foram acabando os estaleiros navais em Fão, que existiam desde época antiga, pelo menos desde o reinado de D. Dinis. Mas, contra todas as contrariedades alguns mestres de construção naval continuaram a construir em Fão, mesmo neste século XX, ainda que, para lançar o barco à água, tivessem de cavar um canal no rio e aproveitar as marés vivas.

No n.º 8, de 10-10-1915 do "O Farol Fãoense" anuncia-se que, no dia 20 imediato, seria lançado à água um navio que "se está acabando de construir nos nossos estaleiros, a cargo do construtor José Dias dos Santos Borda". E, no n.º 15, de 16-1-1916 o mesmo jornal noticiava que começaram a construir dois navios nos estaleiros de António Dias dos Santos e José Dias dos Santos Borda.

A 23-8-1916 o mesmo jornal informava que fora lançado à água uma LIGHTER, de nome Lisboa, construída por António Dias dos Santos.

E, o n.º 7, de 15-10-1916 noticiava o lançamento à água no dia 12 desse mês, do palhote "LIDIA", construído por José Dias dos Santos Borda.

O Dr. José Bernardino Amândio em "Os Estaleiros Navais de Esposende e Fão nos séculos XIX e XX" apresenta uma relação dos navios construídos em Fão, sendo o último em 1927.

As condições adversas levaram ao fim esta importante indústria, à volta da qual andavam outras complementares.

Esposende, felizmente, mais perto da barra, ainda hoje conserva um pequeno estaleiro naval. Sem porto acabaram os grandes barcos de pesca do mar alto e as carreiras de cabotagem e diminuiu drasticamente o número de marítimos e pescadores fangueiros.

Em meados deste século ainda havia barcos de dimensões razoáveis, principalmente de lavradores-pescadores de Fonte-Boa e de Fão, que pescavam, iam ao pilado e aos polvos. Aqui pescavam grandes congros, lagostas e peixes variados. Mas os barcos já não subiam o rio, varavam na praia no lugar das lanchas.

E, quando o sargaço dava à costa havia enorme azáfama na apanha da alga marítima e seu carregamento para os fieiros para o porem a secar. Homens com branquetas e sueste e as mulheres com saia de tecido de branquetas animavam as areias da nossa praia. Era um espectáculo lindo de se ver.

Hoje em dia apenas um punhado de bravos teima em ganhar a vida, arriscando-se diariamente em pequenos barcos com dois ou três tripulantes.

III – A INVASÃO DAS AREIAS SOBRE OS CAMPOS E O POVOADO

Da escritura de doação da vida rural de Fão

em 959 consta "VILLA NUNCUPATA FANO QUE EST ERGA ANNE CATAVO PROCUL AB ORE MARIS...", isto é, a vila rural chamada Fão que fica junto do rio Cávado não longe da boca do mar (foz do rio).⁽²⁹⁾

Os rios Minho, Lima, Neiva e Cávado transportavam diariamente muitas toneladas de areias para o mar. As marés e as ondas, depositavam-nas nas praias. Os ventos dominantes do quadrante norte, arremessavam essas areias sobre os campos e povoados à beira-mar.

Nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, aparece referência à existência em Fão de mordomos das areias, o que denota que, há mais de setecentos anos, a população local tinha problemas com a invasão constante das areias. Já tinham sido abandonadas terras aráveis provocando o despovoamento de alguns casais.

A pressão das peias senhoriais, o constante avanço das areias, as pestes, principalmente a de 1347 e as doenças dos cereais provocaram maior ermamento das terras. Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258 consta "as terras não são cultivadas e há casais despovoados, que não pagam os frangos e os almudes de trigo".

As areias, em contínuo avanço, soterraram casas e quintais, o cemitério nas Barreiras e a própria igreja de S. Paio⁽³⁰⁾. A necrópole ficou coberta por uma altura de areia de metro e meio⁽³¹⁾. Este cemitério abrange os séculos XI a XIV⁽³²⁾.

O profundo despovoamento de Fão nessa época levou o senhor da terra, o Conde de Barcelos, D. Afonso, a solicitar ao pai – D. João I – carta de privilégio que concedeu a dez homens "que viessem viver para Fão...", a isenção de servirem como galeotes⁽³³⁾ ou de serem postos na vintena do mar^(34 e 35).

Mas outras povoações ribeirinhas do mar, do nosso concelho, também sofreram do mesmo mal, como:

III-1) – BELINHO

A partir de 1270 o forte assoreamento de Belinho dizimou a sua população, extinguindo muitos casais da melhor terra de cultivo gerando um quase ermamento do povoado.

O mordomo do Rei não atendeu a situação baixando os impostos, o que levou o povo a reclamar junto de D. Dinis. Este mandou em 1284 um seu representante verificar a situação. Existiam então 40 casais em 1220 e só 21 em 1284.

No reinado de D. Afonso IV (1325/1357), devido aos efeitos da peste negra (1347), os casais desceram para 8!⁽³⁶⁾

(Continua)

Notas: 27) Veríssimo Serrão – "História de Portugal" vol. III, pagou 319/320; 28) "Esposende, Páginas de Memórias" páginas 93 a 99; 29) Coronel Severino Sequeira em "O Fangueiro n.º 22"; 30) Carlos Brochado de Almeida em "Carta Arqueológica do Conc. de Esposende", no B. C. de Esposende n.º 13/14, pág. 26 e 43; 31) Carlos Brochado de Almeida e outros em "Necrópole Medieval de Fão", BC de Esposende n.º 17, pág. 111 e 114; 32) Eugénia Cunha e outras em "Paleodemografia da População Medieval de Fão" no BC n.º 17, de Esposende, pág. 127; 33) Remador nas galés; 34) Carlos A. B. de Almeida e outros em "Necrópole Medieval das Barreiras - Fão", no BC n.º 17, de Esposende, pág. 111 e 114; 35) O Dr. Bernardino Amândio em "Esposende e o seu concelho, na Hist. e na Geografia", a pág. 52 refere a data de 1378. O Dr. Alberto A. de Abreu em "O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão", a pág. 73, indica 22-2-1412. Esta mesma data const. a pág. 242 de "Esposende, Páginas de Memórias, do Dr. Manuel A. Penteadó Neiva; 36) Franquelim Neiva Soares em "Belinho na Idade Média" no jornal "Renacer de Novo", n.º 220, de Abril de 1998.

OS CORREIOS – História e evolução desde a antiguidade (PARTE IV)

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

Continuamos a descrever, em resumo, a organização dos Correios nos países da civilização da antiguidade, Era de Cristo, a fim de fazermos comparações e, também, da utilidade nas sociedades dessa época distante, incluindo, o poder real e dos impérios.

• Correio romano e as estradas

Os romanos construíram um império enorme. À medida que as tropas iam conquistando novos territórios logo os romanos reparavam e reconstruíam nova rede, com vias a ligar todo o império à capital. Aliás, foi no reinado do imperador Augusto que mais se acentuou tal medida.

No século II d. de Cristo, o império romano ia desde o Atlântico até à Arménia e todas as regiões fronteiriças estavam ligadas a Roma por estrada, que permitia rápida deslocação de tropas e de abastecimentos.

As construções, segundo as técnicas da época, eram robustas pois, sob o empedrado do pavimento existia três níveis de subestruturas. Tinham uma pequena elevação no centro cujo ângulo facilitava o rápido escoamento, à bermá, das águas pluviais.

Colocavam marcos numerados (marcos miliários) de milha em milha – 1000 passos –. Nos marcos contava a distância à cidade mais próxima e a identificação do batalhão que construiu a estrada.

A via Ápia, com 576 quilómetros, construída em 312 a.C. ligava Roma às colónias do Adriático. Mais tarde os romanos construíram grandes vias ápidas, como a via Domitia, que ligava a Itália à Espanha, a via Ignatia, de Roma a Bizâncio, com prolongamento, por uma extensão, através da Turquia até Beirute e à Síria. De Braga (Bracara Augusta), capital da Galécia, irradiavam cinco importantes vias romanas, uma delas para Lisboa. Outras vias, segundo Antonino, ligava Braga a Astorga pela orla marítima. Alguns historiadores dizem que esta via passava por Fão.

Uma via secundária, a via Vecteris, vinha de Vila Menendis (Apúlia) para Fão, seguindo para norte até Astúrias.

• Cursos Publicus

A rede romana de estradas, de portentosa, facilitava a criação do serviço de Correios – o *Cursus Publicus*. Destinava-se, apenas, a serviço oficial. Transportava o Correio do Estado, altos funcionários, material de guerra, abastecimentos e todo o apoio logístico. Os particulares só podiam utilizar este serviço com autorização expressa do Chefe do Estado. Mas, o Imperador e altas figuras do império tinham os seus correios privativos.

Ao longo das estradas foram escalonadas estações de muda, que se denominavam:

Mutationes, para muda de animais e homens;
Mansiones, além das funções das *mutationes* serviam de albergue dos viajantes;

Civitates, eram destinadas ao estacionamento do correio, de cavalos e de material, forragens, entre outros.

Os romanos foram os primeiros a usar o carro puxado a cavalos para o transporte do Correio. Os correios-homem que corriam a posta, chamavam-se *Cursores* ou *Tabellari*. Seguiam a pé, a cavalo ou em carruagem, conforme as distâncias a vencer. Os

mensageiros chegavam a percorrer num só dia, a pé, 70 quilómetros e a cavalo 200, com muda 320 quilómetros. Usavam nos transportes os seguintes veículos:

Rheda, de um lugar, para o correio e cobria 80 quilómetros, em 10 horas;

Vereda, um carrinho ligeiro, de dois lugares;
Carpetum, carruagem coberta, de duas rodas, puxado por dois muares que podiam transportar três pessoas;

Birota, usada para grandes viagens. Era puxado por três muares. Transportava mercadorias;

Clabula, destinada ao aprovisionamento do exército. Nos lugares de grande declive os carros de quatro rodas eram puxados por várias parelhas de cavalos até 10 animais.

Os agentes do *cursus publicus* andavam com uma espécie de passaporte ou credencial – a *litterae evectiois*, com o qual requisitavam nas estações a hospitalidade e os transportes necessários. Sem a sua exibição não eram atendidos.

Os serviços estavam sob fiscalização do Prefeito do Pretório, que dirigia a polícia, as obras públicas, a cunhagem de moedas, os celeiros e as estradas.

Para as mensagens urgentes recorriam a mensageiros expressos. A profissão de *tabelliere* era perigosa, principalmente em tempo de guerra civil pois, sendo interceptados pelos inimigos, em geral cortavam-lhe os pulsos.

Quando os germânicos ocuparam as antigas primeiras províncias romanas no século V, terminou o predomínio de Roma no Ocidente.

Odoacro, chefe dos Herulos, depois de conquistar Roma depôs o imperador Rómulo Augusto e, proclamou-se imperador, instalou-se em Ravena e terminou, assim, o Império Romano, em 476.

As estradas, então, começaram a degradar-se, o carro deixou de ter importância para o transporte e houve um declínio progressivo das comunicações. E veio a ser extinto o mais importante serviço de Correios da Antiguidade e que fora um portentoso auxiliar da expansão romana.

• S. Zenão – O Correio

S. Zenão nasceu na província do Ponto, na Ásia Menor. Era nobre e rico na Capadócia. Foi baptizado em 368 pelo bispo Ariano Endóchio na catedral de Constantinopla. Era amigo de Valente, elevado a Imperador em 364 pelo irmão Valenciano, serviu-o como *Tabellari*.

Deslocava-se constantemente com o Imperador, que tinha a sua corte nas margens do Bósforo. Devido à guerra nas fronteiras, Zenão transportava com frequência mensagens imperiais para a Mesopotâmia, Arábia Petrea, Egipto e Arménia. Era um serviço árduo e perigoso, executado não pelo lucro daí resultante, mas por patriotismo e grande amizade que dedicava a Valente. Quando este morreu, em 9 de Agosto de 378, numa batalha, Zenão abandonou a posta militar e dedicou-se a Deus. Passou quarenta anos a viver como ermitão, numa caverna nos Montes da Antioquia, onde se alimentava de pão e de água.

Pressentiu a morte e fez partilha com os sobrinhos, pois tinha os bens em comum. Vendeu tudo quanto tinha e distribuiu parte do dinheiro pelos pobres. A parte restante deu-a ao Governador da

cidade, Alexandre Magno, para repartir tudo conforme fosse a vontade de Deus. Morreu cerca de 417, sendo festejado pela Igreja Ortodoxa, a 10 de Fevereiro.

• O Correio na China

Na época Tcheu (1122 - 222 a.C.) a posta servia, somente, a corte imperial. Tinha 80 mensageiros.

As grandes estradas chinesas dessa época, tinham de 5 em 5 quilómetros uma estação de abastecimento e, de 15 em 15 quilómetros a casa correspondente à etapa.

Mitridates II que reinou de 124 - 87 a.C. um mensageiro do imperador chinês que chegou a Pártia entregou uma mensagem do seu imperador, regressou com prendas (ovos de avestruz e predigitadores). Após este encontro a primeira caravana de mercadorias ligou o império Partico e a China, sendo os primeiros produtos transportados, a seda e cavalos do Irão (106 a.C.).

Durante a dinastia T'ang (618 a 905 d.C.) passaram a usar viaturas que cobriam 150 quilómetros por dia, mas o correio com mensagens imperiais percorriam num só dia 250 quilómetros. Mudava com frequência de cavalo: era a posta volante.

Na dinastia Soung (960 a 1276) o serviço passou a ser feito por contrato remunerado. Tinham Correios a pé, a cavalo e extraordinários. Passaram então a transportar, também, cartas particulares. Com dominação mongol (séculos XIII e XIV) os Correios chineses tinham 10 mil estações de muda e 200 mil cavalos.

Gengis Kahn príncipe dos mongóis (início do século XIII) organizou o serviço a cavalo em todo o império – de 100 em 100 milhas implantaram postos, ao longo das rotas das caravanas. Estavam guarnecidos de guerreiros e um apontador.

Marco Polo, célebre viajante veneziano, serviu de mensageiro de Kubilai Kahn, transportando uma carta para o Papa, pedindo que enviasse missionários para a China. Foi entregue ao Papa Gregório IX, eleito cerca de 1270 que se encontrava em S. João de Acre, Israel.

Na dinastia RS'ing (1662 a 1911) a posta foi dividida em dois serviços: a posta para encaminhamento do correio ordinário das autoridades e posta expresso para correio urgente. Estava estendida a sua rede a todo o país. Os seus postilhões percorriam três mil quilómetros com muda de cavalos nas estações. No deserto da Mongólia eram usados os camelos como meio de transporte.

Carlos Mariz e Artur Costa

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

As obras da sala da sede da Cooperativa estão em bom andamento. Surgiram, porém, uns entraves da parte da EDP com a ligação da luz. Da parte da Câmara tudo bem. O magusto de Novembro está a ser preparado com todo o cuidado.

A Cooperativa tem à venda cassetes de vídeo da revista "Fão d'Ontem – Fão Sempre". Aceitam-se desde já encomendas. O preço é de 2000 cooperantes.

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Aí temos mais uma vez a festa animada do S. Martinho, com o gostinho bom das castanhas assadas e tudo o mais. E... só falta um mês para as férias de Natal! Divirtam-se, mas sem descurar o estudo, para a alegria ser completa!

GERAÇÃO RASCA

"Geração rasca" é o rótulo mais recente de uma geração de jovens que, injustamente, são apontados como sendo as ervas daninhas da sociedade, devido à decadência dos mais ilustres valores e condutas éticas e morais, por nós levadas a cabo.

É, no entanto, irrefutável a inconsciência dos que assim pensam, uma vez que, na minha humilde opinião, uma "geração rasca" de jovens, pressupõe uma "geração rasca" de pais, que não souberam dar a devida educação aos seus descendentes e, desta forma, vêem reflectido o insucesso da sua função, enquanto gestores da qualidade da sociedade do futuro.

Não obstante, a juventude é severamente criticada, punida e culpada por denegrir os mais estimáveis costumes, valores e ideais e, por não respeitar as regras e leis que lhes impõem.

Este título que nos foi atribuído, a nós jovens, é certamente, mais um fruto das injustiças cruéis dos homens que não reflectem antes de agir, uma vez que, nós somos apenas, mais uma geração com os mesmos medos, sonhos e anseios de todas as outras, só que, dotados de maior liberdade de expressão. Somos o espelho do que os nossos progenitores nos ensinaram a ser e, por esse motivo, defendemos que de "rasca", a nossa geração nada tem.

Deixem-nos, somente, expôr as nossas ideias e ideais, permitam-nos aperfeiçoar as nossas personalidades, ajudem-nos a concretizar no futuro, os sonhos do presente, construindo assim, um mundo melhor. Nós só queremos que nos confirmem o prazer de ser o que somos, não só pela atribuição dos nossos direitos, como também, pelo cumprir dos nossos deveres.

ANA MAFALDA

(17 anos)

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora saiu de casa para ir fazer umas compras. Mas pouco depois lembrou-se de que se esquecera de meter o livro de cheques na carteira. Então voltou a casa buscá-lo. Quando entrou na sala, encontrou a empregada sentada muito confortavelmente no sofá, a ver televisão e a beber whisky com toda a sem-cerimónia.

– "Parece impossível!" – ralhou indignada. "E eu que confiava tanto em si! Estou admiradíssima!"

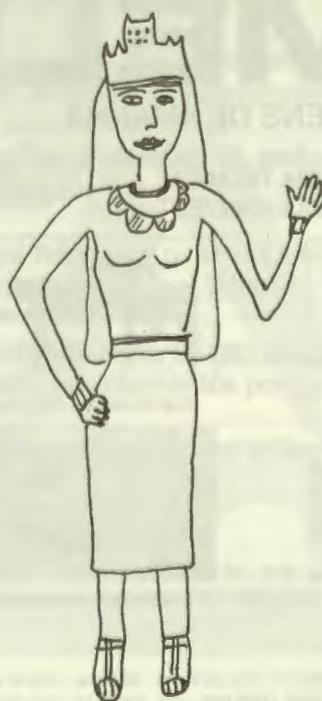
– "Também eu, minha senhora, também eu estou muito admirada" – responde a empregada. "La jurar que a ouvi sair há bocadinho!..."

Depois de uma grande discussão entre dois colegas de trabalho, um deles exclama, furioso;

– "Você não tem razão nenhuma, mas não é capaz de admitir que está errado! Eu, quando faço ou digo qualquer coisa errada, não só admito o meu erro como sou o primeiro a rir-me dele!"

Resposta pronta do outro:

– "Oh, colega! Que vida tão divertida você deve ter!..."



Desenho de JOANA SÍLVIA (9 anos)

O CAMINHO

Olhai só para ele! todo contente! Que lhe fizeram? Porque tanto sorri?!

E o despertar de seu sorriso, é como o libertar de uma criança, como o de ressuscitar seu corpo, há muito tempo, já

[sepultado.

Por nada existir de belo, diz: – Tudo foi ilusão minha, e eu, morri só, de solidão em um deserto, como incógnita de uma dramática onnipotência!

Encontrar um amor, o Caminho de um dia, traçado como teia de aranha; e ao vento, ergue seu olhar, estonteado de alegria, cantando às flores de uma imensidão outonal.

JOSÉ MARIA
16 anos

LÂMPADA

PRINCÍPIO,
CAUSA SEM EFEITO,
FIM EM INÍCIO!

PROSSEGUIR,
AINDA ASSIM,
SEM SABER!

SÓ HÁ UM SENTIDO
ENCONTRA-SE A RAZÃO
QUANDO TUDO PERDIDO!

FOI ONTEM?
NÃO, HÁ ANOS.
E HOJE PORQUÊ

LÂMPADA FUNDIDA
SÓ AGORA REPARADA
JÁ ESTRAGADA QUANDO ACESA!

FILIPA MAGALHÃES
18 anos

Notícias

AGAMENTO DE ASSINATURAS

Dr. Fernando Lima Marques, Braga, 1000\$; Afonso António Barros, S. Paulo, 1000\$; D. Esperança Cubelo Faria, Fão, 1000\$; Raúl Ramos Pimenta, Fão, 1000\$; Ramiro Capitão Pachado, Fão, 1000\$; José Capitão Neto, Fão, 1000\$; Dr. Vasco Mariz, Brasil, 1000\$; António Augusto Mota Lopes, Austrália, 1000\$; António Macedo Pinto, Esposende, 2000\$; Coronel Bento Lopes da Costa, Esposende, 2000\$; António Torres, França, 6000\$00.

OVAS ASSINATURAS

Deram-nos o prazer de se inscreverem como assinantes de "O Novo Fanguero" os senhores: Adelino Gomes Nogueira, Fão; D. Deolinda do Vale Gois, Lisboa.

ALECIMENTOS

Em França onde residia habitualmente, faleceu o nosso conterrâneo Amândio Ferreira. Foi sepultado no cemitério de Fão.

No mês de Outubro faleceu em Fão o nosso conterrâneo Joaquim Emâni Vinha Novais. Estava aposentado pelo antigo Ministério do Ultramar pois desempenhou vários cargos administrativos em África.

Chegado a Fão para gozar uma merecida reforma, não optou por se empantufar e contemplar melancolicamente a televisão, lembrando a África esplendorosa que tinha deixado. Aqui chegado e estacionado, aceitou de bom grado preencher o quadro directorial dos Bombeiros e bem assim servir a autarquia.

Não sabemos porquê tinha fama de ser severo no desempenho das suas funções e era de facto. Quer dizer: as missões que lhe eram confiadas, ele cumpria-as com o maior rigor, com a maior dedicação. Não era pessoa para brincar com serviço. Na Junta estabeleceu um horário para atendimento do público e não nos consta que alguma vez tenha faltado. Era o que se chama um funcionário zeloso, cumpridor e fundamentalmente sério.

Dedicou-se à autarquia e aos Bombeiros com verdadeiro sentido de missão. As contas e a

escrita estavam sempre em dia. Digamos que, quer nos Bombeiros, quer na Junta era uma espécie de amanuense faz-tudo. Deixou uma imagem imperecível de dedicação e seriedade.

Que descanse em paz.

À família enlutada apresentamos os nossos pêsames.

O BUSINÃO

No dia 24 de Outubro, pelas 17 horas, saíram da Alameda do Bom Jesus cerca de 50 automóveis, todos com fitas pretas - sinal de luto - pela ameaça de destruição do Pinhal de Fão.

Fão merece mais. Não aos blocos de cimento. Não aos condomínios fechados.

A caravana saiu da Alameda do Bom Jesus, entrou na estrada n.º 13 em direcção ao pinhal, junto ao Hotel Ofir, seguindo depois por várias ruas da terra. De seguida foram até Esposende, à Câmara Municipal colocar as fitas pretas do nosso desgosto.

Senhor Presidente da Câmara não consinta que a riqueza do nosso concelho, do nosso Fão, do nosso País seja devorada. É este o apelo que a comissão do Pinhal vem pedir. Não vá acontecer como o nosso antigo jardim do Cortinhal que se parece com um cemitério com as sepulturas já colocadas e demarcadas.

Fão merece mais.

Obrigado

BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS

A professora Isabel Maria Faria e José Valdemar Faria, técnico da Farmácia Higiénica, celebraram as suas bodas de prata matrimoniais com os seus familiares. A esta felicidade juntaram a alegria da licenciatura de seu filho Fernando Alexandre na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Aos pais e ao jovem licenciado desejamos as maiores felicidades.

A. VIANA

"JACKPOTS" NO CASINO DA PÓVOA BATEM RECORD

No mês de Setembro foram batidos todos os records de "jackpots" saídos nas máquinas do Casino da Póvoa de Varzim, tendo ascendido a 451.449 contos o valor total dos prémios desse mês, contra 343.661 e 345.737 contos, saídos

respectivamente em Agosto e Julho últimos, o que traduz um aumento superior a 30% em relação a qualquer daqueles meses.

Diz-se, e é verdade, que as "slots" do Casino da Póvoa estão a ser mais generosas do que habitualmente e os números aí estão a comprová-lo. Assim, no mês de Setembro os "prémios manuais" (assim chamados porque são pagos à mão em notas do Banco de Portugal ou em cheque sempre que os prémios sejam de valor superior a 400 fichas), atingiram o valor record de 48.105 contos, enquanto que nos meses de Julho e Agosto esse valor atingiu 14.414 e 19.020 contos, respectivamente.

Igualmente o valor unitário dos "jackpots" tem estado, também, a subir. No último mês saiu o maior "jackpot" de sempre, no valor de 13.168 contos (apenas com 5 fichas de 50\$00) e no dia 26, uma simpática senhora foi brindada com 10.154 contos, com uma jogada de apenas 150\$00.

Estes números confirmam a maior generosidade das "slots" do Casino da Póvoa, que parece pretenderem associar-se às comemorações do 30.º aniversário da constituição da SOPETE, que teve o seu ponto alto com as galas dos Manhattan Transfer e de Júlio Iglésias.

Até lá já terado entrado em funcionamento o "link on line" expresso Estoril/Póvoa, que permitirá a saída de "jackpots" acumulados em máquinas dos dois Casinos e quem sabe, também, se o BMW Z3, um dos apetecidos prémios da sala das máquinas do Casino, já terá feito as alegrias de algum desprevenido cliente. Em mês de aniversário nunca se sabe...

No Lar da terceira Idade

(Continuado da pág. 1)

À entrada do Lar encontravam-se cartazes com frases alusivas aos idosos que nós recortamos e fixamos nesta reportagem.

Quando os teus passos se tornam lentos e hesitantes, é Deus que caminha diante de ti. Fica então atrás dele.

Se os teus amigos se dispersam e desaparecem, é o teu Deus que se aproxima. Acolhe-o.

Quando a memória se engana e a recordação se apagam, sabe que é o teu Deus que as esconde. Ele quer as tuas recordações. O teu passado é Ele.

Se os seus projectos se tornam mais raros, teus planos e ideias com previsões incertas e hesitantes, sabe que Deus roubou todas as tuas esperanças, para ser Ele só a tua esperança; o teu futuro é Ele.

Se um dia te sentes inútil, sabe que Ele está lá à tua espera para juntos irem trabalhar na vinha. Reza infinitamente.

A velhice é o teu Deus que amorosa e zelosamente te quer, enfim, todo Seu.

Recusar envelhecer é sujeitar-se à insegurança do abandono e inquietar-se inutilmente diante dos braços abertos que Ele nos estende.

Para se ser de Deus deve aprender a perder-se para se poder encontrar n'Ele.

Se um dia te sentes só... sabe que Ele está à tua espera. Apenas um gesto do teu olhar para te oferecer a Sua presença e com Ele amar infinitamente.

A.V.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 6 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 60 91 016 - 60 63 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597206

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

As pedras, o chão que calcámos, deixam sempre em nós, uma recordação, uma vivência, uma saudade.

Nunca se passa em vão por uma terra, um lugar, uma esquina de rua.

Viver é isso mesmo e viajar será, dentro do mesmo contexto, viver duas vezes.

Não viajo muito, mas "passarinho" bastante, quase aos mesmos lugares, porque só eles alimentam esta espécie de romantismo em que sempre vivo mergulhada.

Mas o meu "passarinho" tem sempre um sentido: eu preciso muito do calor humano e, por isso, a par da paisagem física, eu não dispenso a paisagem humana.

Assim, com esta dualidade vou vivendo, alheia a grandes mudanças.

Os conhecidos, os amigos e a família fazem, então, parte integrante do chão que piso neste meu constante passarinho. Não gosto de viajar para muito longe; adoro saltos de pardal.

A noite gosto de passar na minha cama!

Experimento, sempre, uma impressão desagradável numa cama de hotel, evidentemente mais luxuosa que a minha. Só que a minha tem o à vontade de muitos anos e possui aquela alma de quem nela se deita com um gostoso sentimento de posse e, no pensamento, a frase velhinha de tão a propósito: "descansa corpo a quem levam a alma.

Também há quem diga: descansa corpo, inimigo do trabalho, mas não é o meu caso. Formiguinha diligente, sempre labutei muito.

Mas a alma, a alma precisará de descanso que não visiono.

Então, para atenuar este estranho romantismo, vou aqui e ali, onde sempre encontro o alimento anímico precisado.

Remédios? As pedras que falam, pois então!

Estas pedras que eu amo em dualidade: os becos que calco e me segregam coisas e... esta crónica que foi crescendo, quase nascida sem plano e que foi crescendo e que irá, assim prontinha para o querido jornal.

Deixa o coração falar...

Vem, meu amor! Vem ter comigo...

Despe o teu orgulho de leão ferido.

Como lamento

Teres deixado passar o tempo...

Não vês que o teu coração quer falar?

Por que teimas em o querer abafar?

Não vês que o tempo está a fugir de nós?

Não deixes que o teu orgulho abafe a tua voz.

Mesmo que não o queiras admitir,

Mesmo que o teu orgulho não te deixe falar,

Deixa, ao menos, de fingir...

Eu serei sempre o ar que tu respiras!

Sei que sou a fonte em que te inspiras,

Para que nesta estrada (desértica) da vida

Tu possas caminhar!...

Despe o teu orgulho! Vem.

E deixa o teu coração falar...

MARIA DUVAL

Dia dos Mortos

No dia 1 de Novembro celebrou-se o dia dos Fiéis Defuntos. Como é tradição o campo santo encheu-se de velas, flores e gente. A meio da tarde foi celebrada uma missa na capela mortuária.

Ainda bem que os vivos se lembram dos mortos. É uma forma de os não deixar esquecer. É uma forma de lhes dar vida. É em suma uma forma mitigada de convertência.

De França

Esteve uns dias entre nós o nosso prezado assinante José de Faria Graça, filho do Zé Barbeiro, que tem residência habitual em Grenoble.

Anda a tratar-se de uma doença difícil. Mas vai acusando melhoras.

Fazemos votos por uma recuperação total.

CANTINHO DE PORTUGUÊS

Aclimatar – aclimar.

Ambas as formas estão correctas. No entanto a primeira forma está mais de acordo com a origem grega da palavra.

COMUNICADO

ANÚNCIOS NAS LISTAS TELEFÓNICAS E DE TELEFAX

Algumas empresas e entidades com actividade económica têm vindo a ser contactadas por editores de Listas Classificadas pretensamente actuando em nome da Portugal Telecom ou das Páginas Amarelas. Para obviar a eventuais situações menos claras, esclarecemos que:

1- A edição das Listas Telefónicas da Portugal Telecom (de Assinantes/Páginas Brancas e Classificadas/Páginas Amarelas) bem como da Lista Nacional de Telefax, é da responsabilidade exclusiva da Páginas Amarelas, SA.

2- Os Representantes de Vendas da Páginas Amarelas, SA estão credenciados pela Portugal Telecom - em caso de dúvida solicite a sua identificação.

3- Os contratos celebrados entre a Portugal Telecom e os seus Clientes, por intermédio da Páginas Amarelas, SA são cobrados através das facturas/recibo da Portugal Telecom.

4- Os Representantes de Vendas da Páginas Amarelas, SA não efectuam quaisquer cobranças dos contratos, nem tão pouco recebem entregas de sinais, adiantamentos por conta ou similares.

5- Em caso de dúvida, agradecemos que contacte o Serviço a Clientes da Páginas Amarelas, SA.

R. Conde de Ficalho, nº4 - 1700 LISBOA Tel. 848 43 43 - Fax 840 50 09

R. Ricardo Severo, nº3-2º andar - 4050 PORTO Tel. 609 20 48 - Fax 600 93 39

FALECIMENTO



MANUEL JOSÉ DIAS FERREIRA

Devido a doença grave, faleceu Manuel José Dias Ferreira, casado, 67 anos, empresário de hotelaria/turismo, natural de Belinho e radicado em Esposende, onde constituiu família.

O saudoso extinto deixa viúva D. Maria Dulce Miranda Marques; era pai de José Manuel Marques Ferreira e das senhoras Maria Manuela, Maria Dulce, Maria José, Isabel Maria e Ana Maria Marques Ferreira. Era sogro de Horácio Lages e de Fernando Barrias.

Manuel Ferreira foi Vereador da Câmara Municipal de Esposende e fez parte de muitas associações locais e de serviços da sua especialidade.

O funeral, realizado para o cemitério Municipal no dia 23 de Outubro findo, teve enorme acompanhamento, nele se incorporando inúmeros amigos e representantes das associações de que fez parte, incluindo entidades da cidade e do concelho.

• Síntese biográfica

O Manel da Nélia, assim conhecido em Esposende, possuía qualidades que muitos ainda não conseguiram. "Nada aparece por encanto", disse certo dia. Por isso, a sua biografia causará inveja e através da qual se poderá avaliar das suas capacidades de iniciativa e de dinamismo profissional. Demais, na época onde as acções eram difíceis de assumir e custavam pesados encargos financeiros, merece que se divulgue alguns dos factos do seu passado. A sua actividade ao longo de meio século fará parte da história de Esposende.

Na época a que se reporta a biografia deste empresário, 1947, Esposende não tem ainda estruturas de base para romper as barreiras da decadência Manuel Ferreira visionando, porém, na terra, os condimentos necessários para o seu desenvolvimento económico social, ousou tomar iniciativas de tomo.

Cedo começou a vida de 50 anos ininterruptos de actividade profissional, travados pelo inesperado falecimento. Passou por graves situações e de incertezas, mas venceu no intuito de alcançar os seus objectivos: ser um bom e dedicado profissional.

A ideia de montar um negócio mais condizente com a sua vocação nasceu na Póvoa de Varzim, em 1946. Não esteve só. A sociedade em que se integrou era constituída por José Maria Silva Barbosa, António Menezes de Lemos e Gabriel Gomes Ferreira. Surgiu, então, a sociedade Lemos Ferreira e Companhia Limitada. É no rés do chão do edifício de D. Maria, na rua Direita que abre a confeitaria Royal. Manuel Ferreira, com 17 anos, é o "empregado fundador". A sua criatividade leva a sociedade a mudar o nome do estabelecimento, para Confeitaria Nélia, Pastelaria. E quatro anos depois - 1951 - pela mão de Figueiredo Dantas integra-se na sociedade, cujo pacto sofrera alterações e, bem assim, o capital social. Todavia, a sociedade, entra em nova fase de

desenvolvimento, com as naturais dificuldades dos primeiros anos, com resultados baixos.

A tenacidade e a sua vocação profissional valeram-lhe a possibilidade de adquirir todas as acções da sociedade, em consequência do falecimento do amigo Figueiredo Dantas. O palacete da família Valentim Ribeiro (a conselho do "padrinho" Eng.º José Gonçalo Areia), na rua Direita passa, por compra, a pertencer-lhe e instala aí o seu "quartel general". Decorria o ano de 1961, e o Manel da Nélia e a mulher Maria Dulce Miranda Marques, com quem casara em Janeiro de 1958 passaram a ser os senhores e únicos detentores da sociedade Lemos, Ferreira & C.ª Ldª.

• Nasce o Hotel Nélia

As obras de construção do empreendimento e que viria a ser conhecido por Hotel Nélia mereceram um privilégio: a declaração de "utilidade turística prévia ao conjunto hoteleiro que a firma "Lemos, Ferreira & C.ª Ldª" estava a levar a efeito. Era a nova dinâmica da sociedade e o espírito empreendedor do jovem casal.

E, para o demonstrar, lança-se na abertura da esplanada nos jardins do palacete, com salão de chá, bar, restaurante, até recinto para dançar (aprendeu a dançar na "Faca ôca, baixos da casa de Bernardo Enes), parque infantil e loja de artigos regionais. A fama das verbenas e de arraial minhoto correu pelo norte de Portugal. Mas este espaço lúdico, de muitas esperanças para o desenvolvimento de Esposende, tinha outro destino: a construção do Hotel Nélia, por conselho de Sousa Martins, "o pai de Ofir".

Será oportuno recordar que a paragem obrigatória das camionetas de passageiros entre Viana e Porto, além de excursões, transportaram para o exterior do concelho a fama das guloseimas criadas por Manuel Ferreira. Consolidava-se a expansão e o desenvolvimento das actividades da Nélia. Por isso, não esquece os seus oito empregados e graciosamente, montou e abriu à exploração a sua "filial" de Fão, com o nome de Pã-Pã, por escritura de 29 de Junho de 1966 que, em 1975, passa para os donos actuais. Seria, no entanto, em finais de 1969 que, por vontade expressa do jovem casal Manuel Ferreira e sua mulher Dulce Marques que se lançam na construção do sonho das suas vidas: o Hotel Nélia.

A crise provocada pelo novo regime político que afectou a vida nacional em 1974 foi encarado de frente. Já autorizados à indústria de confeitaria e pastelaria, avançam com o Hotel, aproveita os espaços disponíveis, instalou o café, a pastelaria é melhorada com os novos equipamentos até que em Fevereiro de 1993, a nova Nélia deixa o palacete e volta ao espaço de origem (edifício de 1947) e abre, com outra imagem, decoração de requinte e sem perder o símbolo de sempre, o sargaceiro, o novo café, pastelaria, tabacs, jornais e revistas. As suas especialidades de pastelaria continuam a correr pelo norte do país e pelo estrangeiro, em abundância.

Esposende perdeu um Homem, um bom profissional, um animador de rara sensibilidade, vocacionado para a actividade que lhe roubou a vida, depois de 50 anos de ininterrupta acção profissional.

Será, certamente, um candidato a medalha de Ouro do Município, pelo concelho da sua naturalidade.

Troféus da Nélia: Medalha de Ouro XII Exposição de Pastelaria, Lisboa 1972; Óscar Mundiale del Turismo, Itália; Troféu Internacional de Turismo, Madrid 1987; Troféu "Falcão do Minho, de Qualidade e Dinamismo Hotelaria/Turismo, de 1997.

Especialidades de pastelaria: bolo-rei, pastéis de Fão, doces, nélias, esquímós e torrão.

Artur L. Costa

DESPORTO

Por
JOÃO PEDRAS



• FUTEBOL

Últimos resultados: jogo de apresentação da equipa fangeira para a época 98/99 - Fão, 1- Esposende, 4. Torneio de Futebol Clube de Marinhãs - Pedras Rubras, 1-Fão, 0; Antas, 0-Fão, 0. Taça Associação de Futebol de Braga, 1.ª eliminatória - Fão, 2-Fragoso, 1; Fragoso, 0-Fão, 0, 2.ª eliminatória, em um só jogo - Cabanelas, 2-Fão, 2. Campeonato Regional da 1.ª Divisão da Ass. Futebol de Braga - Fão, 1-Panolense, 0; Cabreiros, 2-Fão, 3; Fão, 2-Necessidades, 1 e Forjães, 2-Fão, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Dumiense	4	3	1	0	7-3	10
Sp. Ucha	4	3	0	1	8-4	9
FÃO	4	3	0	1	7-5	9
Panolense	4	3	0	1	5-2	9
Forjães	4	2	1	1	5-2	7
Prado	4	1	2	1	5-5	5
Necessidades	4	1	1	2	7-7	4
Tibães	3	1	1	1	5-5	4
Estrelas VF	4	1	1	2	5-6	4
Cabreiros	3	1	0	2	6-9	3
Ceramistas	4	0	1	3	6-12	1
Lage	4	0	0	4	4-8	0

• ATLETISMO

Foi criada uma secção desta modalidade no Clube de Futebol de Fão inscrita na Associação de Atletismo de Braga. Para início da temporada foi realizada uma prova onde as ruas de Fão foram palco da alegria e entusiasmo das dezenas de miúdas e miúdos participantes na mesma, com os apoios de: **Restaurante Rita Fangeiro, Papelaria Didáctica, Casa Penetra, Ourivesaria Doral, Mini-Mercado Brás e "Forbody** (esta marca patrocinadora oficial do Clube de Futebol de Fão pelo segundo ano consecutivo).

Estão de parabéns os seccionistas desta modalidade: Lufs Filipe Ferreira, Amândio Silva, Fernando António Pereira, Carlos Alberto Passos, Agostinho Morêda, José Manuel Sousa e Carla Alexandra Vale, pela excelente organização que demonstraram no começo desta actividade desportiva.

Depois do futebol e da canoagem, Fão tem algo mais para oferecer à sua juventude.

• ÁGUÍAS DE SERPA PINTO

Esta prestigiada Associação Desportiva e Cultural das Pedreiras realizou mais uma assembleia geral ordinária para eleição dos novos corpos gerentes.

Se és baírrista
utiliza o banco local

Se és baírrista
usa o Correio da terra

Se és baírrista
faz as compras em Fão

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



FERTILIDADE E PRODUTIVIDADE

MEIO DE AUMENTAR A PRODUTIVIDADE

Como as propriedades físicas e químico-biológicas dos solos dependem, essencialmente, da sua constituição física, é natural que, para se corrigirem os defeitos das propriedades acima referidas, se empreguem substâncias que contenham areia, argila, cálcio e húmus.

Por esta razão, os correctivos contêm sempre, um destes quatro elementos.

Conforme os elementos que contêm, os correctivos podem dividir-se em argilosos, arenosos, húmiferos e calcários.

Destes quatro tipos de correctivos, somente os dois últimos têm verdadeiro interesse prático na agricultura.

Correctivos húmiferos

Generalidades

Os correctivos húmiferos são os que contêm matéria orgânica.

Como já se viu em 2.2, o húmus actua de diversos modos:

a) Sobre as propriedades químico-biológicas dos solos

1. Favorece a nitrificação, porque estimula o desenvolvimento e actividade das bactérias nitrificantes;

2. Favorecendo, a nitrificação, favorece também, devido ao ácido carbónico que se produz, a solubilização do ácido fosfórico e da potassa;

3. Aumenta o poder adsorvente das terras (retenção das substâncias nutritivas em estado assimilável);

4. Combina-se com as matérias minerais alimentares insolúveis no solo, acabando por as tornar acessíveis às plantas.

Os correctivos húmiferos convêm a todas as terras, excepto aquelas que sejam já de si ricas em húmus e que tenham reacção ácida.

Produtos empregados como correctivos húmiferos

Na prática empregam-se como correctivos húmiferos os estrumes, os lixos, os matos, os adubos verdes.

Estrumes

O estrume é o mais importante de todos os correctivos húmiferos. É constituído pelos dejectos sólidos e líquidos (urina) dos animais e pelas suas camas, misturados em proporções muito variáveis.

Os excrementos dos animais (sólidos e líquidos) contêm os quatro elementos principais (azoto, fósforo, potássio e cálcio) mas a composição dos excrementos sólidos não é igual à dos excrementos líquidos.

Assim, os excrementos sólidos contêm todo o fósforo e quase todo o cálcio, ao passo que, pelo contrário, os excrementos líquidos contêm quase todo o azoto e quase todo o potássio.

O quadro seguinte mostra bem as diferenças de composição:

	Azoto	Ácido Fosfórico
Excrementos sólidos.....	3,5%	3,0%
Excrementos líquidos	11,0%	0,1%
	Potassa	Cal
Excrementos sólidos.....	1,5%	5,0%
Excrementos líquidos	15,0%	1,2%

Daqui se conclui que o estrume tem acção fertilizante completa, quando na sua composição entrarem, conjuntamente, excrementos sólidos e excrementos líquidos.

Infelizmente, em muitas das nossas explorações agrícolas, a urina é desprezada e, portanto, os estrumes são, a maior parte das vezes, pobres em azoto e em potássio. Isto importa menos, actualmente, pois os adubos substituem o papel fertilizante do estrume, que

interessa, principalmente, pelo valor da matéria orgânica. Contudo, não se deve desperdiçar.

A composição química quantitativa dos excrementos é muito variável e depende da espécie, da idade, da alimentação e do modo de utilização dos animais que os produzem.

1. *Espécie animal* – A composição dos excrementos depende essencialmente da espécie animal que os produz, como se vê pelo quadro seguinte:

	Azoto %	Ác. forfórico %	Potassa %
EXCREMENTOS SÓLIDOS			
Equinos	5,9	3,8	4,2
Ovinos	7,0	8,6	3,3
Bovinos	3,2	2,1	1,5
Suinos	6,5	5,3	5,0
EXCREMENTOS LÍQUIDOS			
Equinos	15,0	vestígios	10,0
Ovinos	17,2	0,5	18,6
Bovinos	8,5	0,3	14,0
Suinos	2,6	0,8	2,0

Os equinos e os ovinos produzem excrementos secos e de fermentação rápida (os chamados estrumes quentes).

Os bovinos e suinos, pelo contrário, produzem excrementos aquosos de difícil fermentação (estrumes frios).

2. *Idade* – Os animais novos assimilam maior quantidade de azoto e fósforo que os animais adultos e velhos, porque, estando em crescimento, necessitam de maior quantidade daqueles elementos para formação dos seus tecidos (músculos e ossos).

Por esta razão os excrementos produzidos pelos animais novos são mais pobres em azoto e fósforo do que os dos animais adultos e velhos.

3. *Alimentação* – Quanto mais rica for a ração dada aos animais, tanto mais ricos serão os excrementos por eles produzidos.

Por isso os animais que se alimentam de forragens criadas em solos férteis e ricos produzem estrumes ricos. Se, pelo contrário, são alimentados com forragens criadas em solos pobres, produzem estrumes pobres.

Assim, se numa exploração agrícola todas as terras forem, por exemplo, pobres em fósforo, as forragens criadas nesses terrenos e os estrumes produzidos pelos animais que as consomem, serão igualmente, pobres neste alimento. Eis a razão porque, modernamente, o estrume não tem importância como adubo.

FÃO, SÃO PEDRO DE RATES E MAIS ANTIGAS LEMBRANÇAS

(Continuado do número 171)

Pode ser que sim, mas a verdade é que, se há um *fanum* no latim, também há *phanos* em grego, que deu fanal, lanterna, lume de farol. Fão tanto pode vir do *fanum* romano como do *phanos* grego, e faz muito mais sentido que aqui tivesse existido um farol a alertar contra os perigos da navegação que uma fundação religiosa. São portanto mais uns milhares de anos a depositar na conta de Fão, e se esta ideia não for deitada para o cesto dos papéis inúteis pelos inimigos das novidades (das novidades ditas pelos outros, porque as deles são ouro puro), o topónimo deve constituir um dos pouquíssimos vestígios ainda vivos da passagem dos Gregos pelas praias portuguesas. De tudo isto ficaram lendas e sentimentos; a rivalidade entre Fão e Esposende reflecte a disputa milenária da primazia do rio; hoje é Esposende a sede do concelho, mas ambas as povoações têm desenvolvimentos paralelos, e a construção da ponte sobre o rio veio atenuar muito o carácter que durante séculos tiveram, de terras fronteiriças a afrontarem-se uma à outra como combatentes entre os quais o rio era a terra de ninguém.

A Fão estão ligadas histórias mais ou menos lendárias, como a de que foi aqui o público porto do Ofir, em que o rei Salomão mandava os seus carregar ouro, e de que aqui

fizeram os Romanos embarcar os soldados com que foram conquistar as terras serranas da galiza. Um facto com interesse, e este já não lendário, foi registado na *Corografia* de Carvalho da Costa: "Tem os maiores barcos de pesca de quantos se conhecem, tão veleiros e ajudados dos remos pelos muitos homens que levam que se não lembra que inimigos tomassem algum". Há algumas dezenas de anos ainda se mostravam (mas já como relíquia etnográfica) esses enormes barcos. O facto de escaparem aos inimigos (os corsários que pairavam ao longo da costa) não se devia apenas à força dos remeiros, mas a um famoso acidente que a costa aqui sofre: os Cavalos de Fão. São uma espécie de molhe natural, formado por uma linha de cachopos que correm diante da praia e fornecem um abrigo de entrada só possível para quem conheça os fundos pedra por pedra. Os barcos perseguidos metiam-se entre os rochedos e a praia e escapavam assim aos perseguidores. Era este, supõe-se, o promontório Avaro dos romanos, e está ligado à história de muitos naufrágios nestes mares. Gregos e romanos navegavam sempre perto da costa: quantos se terão perdido ali quando nevagavam para as Cassitérides? Af está uma boa razão para que aqui instalassem uma luz que, de noite, prevenisse contra o perigo. Talvez até se possa adiantar que essa luz estaria no monte Faro,

que é sobranceiro, e no qual têm sido encontrados vestígios da época clássica. Um perigo no mar, uma lanterna na noite e um espaço negro para preencher com aventura e naufrágio é a minha proposta para as origens de Fão.

TRANSCRIÇÃO

José Hermano Saraiva

ASSOCIAÇÃO RIO NEIVA PARTICIPA NO PROJECTO "COASTWATCH"

A Associação Rio Neiva vai participar num estudo sobre o litoral do nosso país, promovido pelo GEOTA - Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente, no âmbito do projecto "Coastwatch".

Trata-se de um projecto de âmbito europeu, que consiste na caracterização ambiental da faixa costeira e que surgiu na Irlanda em 1988, tendo-se desenvolvido em 23 países da Europa. A realização da campanha ocorre em simultâneo nos diferentes países durante os meses de Outubro e Novembro.

A nível nacional este projecto é coordenado pelo Grupo do Litoral do GEOTA, com o apoio de várias Associações de Defesa do Ambiente, como coordenadores regionais. A Rio Neiva vai ter a seu cargo a área litoral entre a Póvoa de Varzim e Viana do Castelo, consistindo o trabalho no preenchimento de um questionário (por cada troço de 500 metros, em blocos de 5 kms) que inclui a realização de testes de nitratos.

Depois de recolhidos os questionários, carregase a base de dados nacional, por forma a que, através da sua exploração estatística, se possa elaborar um relatório com gráficos exemplificativos dos saldos obtidos. Estes dados serão apresentados e discutidos num Seminário Nacional onde participam os Coordenadores Regionais e algumas escolas.

A base de dados nacionais é depois enviada à Coordenação Internacional, na Irlanda, para se proceder à análise comparativa dos dados recolhidos dos vários países envolvidos no projecto, a partir da qual se elabora um relatório final mais detalhado.

Com este estudo pretende-se recolher dados sobre as características das zonas da costa de cada país e também sobre os principais problemas ambientais que as afectam. Simultaneamente é elaborada uma base de dados nacional e internacional actualizada ano a ano, sobre o estado do litoral, que poderá contribuir para a sua gestão sustentada, para recuperação de zonas degradadas e para preservação das áreas sensíveis. Por fim, este projecto visa ainda alertar a população para os problemas ambientais da zona costeira e para a urgência da sua protecção.

Alda Viana

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber

CHE VERSUS FIDEL

No dia 17 de Outubro, em Matosinhos, oito mil pessoas – até de se terão deslocado algumas, segundo parece – aplaudiram Fidel Castro, o auto-proclamado Comandante Supremo da Revolução Cubana. Muitas, principalmente os mais jovens, exibiam orgulhosamente boinas, t-shirts e bandeiras evocativas da outra figura mítica dessa revolução, o argentino Ernesto Guevara de la Serna, universalmente conhecido como Che Guevara. E, no entanto, que diferentes são essas duas personagens...

É certo que o líder cubano, num esforço para se perpetuar no poder, tem feito uma sistemática colagem (muitos consideram-na abusiva) à figura do seu ex-companheiro de luta; houve quase uma "canonização" de Che Guevara. Mas, se estivesse ainda vivo, com quem estaria o Che?

Um seu biógrafo, Pierre Kalfon, define-o* como "incorrupível e crítico, sempre à esquerda dos comunistas, incapaz de hipotecar a prática à linguagem oficial da burocracia". Há inúmeros testemunhos que mostram um Che Guevara que se tenta opor ao controleirismo partidário, à "estratégia da aranha" do PC cubano (onde é que já vimos isso?) que sistematicamente colocava homens seus – muitos eram irresponsáveis e incompetentes, mas a fidelidade ao aparelho partidário tudo absolvía – nos postos de chefia, demitindo todos aqueles que mantinham ainda espírito crítico. Che Guevara sabia que a intolerância e o sectarismo iriam fazer nascer um clima de subserviência – não admitia que os companheiros de trabalho se portassem diante dele "como um rebanho de carneiros", afirmou certa vez aos funcionários do seu ministério – e seriam prejudiciais à Revolução, afastando muita gente válida e atraindo lacaios e parasitas de toda a espécie. Por isso, apesar da lealdade que o Che sempre patenteou para com Fidel, a partir de 1962 a *nomenklatura* começou a conspirar para se ver livre dele. Censuravam-lhe, entre muitas outras coisas, as críticas sem papas na língua à má qualidade da tecnologia importada dos países do Leste e a oposição aos privilégios atribuídos aos chefes.

Um dia, teve a ousadia de afirmar, nas barbas de alguns notáveis do regime: *Para os chefes da Revolução há um tratamento especial, recebem uma série de presentes, de pequenas coisas. É assim que se vai criando um divórcio em relação aos problemas do povo. Depois é fácil fazer apelo ao*



O revolucionário idealista e o político astuto, quando ainda segulam lado a lado

sacrifício dos outros... Ele impunha a si próprio e à sua família um regime de racionamento idêntico àquele por que passava a generalidade dos cubanos. Mas o seu exemplo não era evidente seguido pelos restantes dirigentes, Fidel incluído. À medida que a Revolução degenerava, cavava-se o fosso entre dirigentes e povo, como naquela anedota soviética em que a velha mãe de Brejnev, a quem o filho orgulhosamente exibira os seus palácios e casas de campo, lhe dizia angustiada: *Meu filho, quando vierem os comunistas, vão-te tirar isto tudo!*

O Che foi *despedido* em 1965, no regresso de uma viagem pelo estrangeiro. A 24 de Fevereiro desse ano, em Argel, num seminário de solidariedade afro-asiática, censurava em público a política interesseira da URSS e dos países ditos socialistas, para com os países do Terceiro Mundo. Na sua opinião, esses países deveriam fornecer gratuitamente armas aos movimentos de libertação dos povos oprimidos e não continuar a vendê-las a preços altos, como se fossem uma vulgar mercadoria. O Kremlin, irritado, exigiu de Fidel Castro a cabeça do Che. Cerca de um mês depois – após se demitir de todos os cargos que ocupava –

saiu de Cuba numa viagem clandestina que o levará ao Congo e à Bolívia, onde procurou desesperadamente forjar novos movimentos guerrilheiros. Neste último país, depois de feito prisioneiro, é assassinado a 8 de Outubro de 1967, para grande alívio de muita gente da "esquerda oficial".

Com o caminho finalmente livre, Fidel Castro, raposa matreira, continua a resistir a tudo, inclusive ao esboçar dos regimes da Europa Leste. Para tal também contribuiu a exploração quase comercial da imagem mítica do Che. Mas, algo insolitamente, o principal aliado do regime cubano tem sido a política dos sucessivos governos dos EUA que, ao manterem o imoral bloqueio, mostram a sua intenção de fazer regressar a ilha ao seu anterior estatuto de semi-colónia norte-americana. O amor-próprio dos cubanos rejeita essa "alternativa" e leva a que suportem – como um mal-menor – o regime autoritário de Fidel Castro (sucede o mesmo com Saddam Hussein no Iraque ou Milosevic na Sérvia). Até porque, por to América Latina, o desrespeito pelos direitos humanos é generalizado, mesmo em países que se orgulham da sua liberdade de expressão. Na sua vizinhança, Cuba não tem bons exemplos que possa seguir...

Ana Paula da Silva Correia e
José Rodrigues Ribeiro

* Pierre Kalfon, *CHE Ernesto Guevara, uma lenda do século*, Terramar, Lisboa, 1997.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
J. C. Vinha Novais
A. Ramos Assunção
Artur Costa
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
Alda Viana
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Cima, n.º 5 – 4740 FÃO
0931.9451687 / Telfa. 02-6000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Rua Elias Garcia, 129 – Telfa. 615230/684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fanguero" através dos Correios será por conta do assinante.

Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.^{da}

**Gabinete de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 – 4700 BRAGA

CONVERSANDO

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

As férias

Estamos no fim deste período do ano, que é tão desejado e muitas vezes mal aproveitado.

Eu faço sempre grandes projectos, mas a maioria das vezes não são realizáveis.

Surgem sempre circunstâncias imprevistas que destroem todo o sistema elaborado tão criteriosamente.

Este ano, mais uma vez, não fiz aquilo que tinha projectado...

Um trabalho que me atravessa o pensamento é o trânsito de Fão.

Quem mora numa zona à beira da ponte, fica espantado com o trânsito de várias artérias. Por exemplo: a circunstância que levou a fazer da principal rua da terra, uma via única, beneficiou os automobilistas a entrarem pelo Bom Jesus, atravessarem a vila mais rapidamente e a fugirem à bicha.

Assim, passam pelo cais entram na ponte e de Fão fica a lembrança de terem feito a viagem mais rapidamente. Não páram, não visitam nada, pouco compram.

Não tenho a planta da vila, mas hei-de estudar o assunto criteriosamente.

Quem não conhece a vila, não faz ideia das belezas de Fão, dos seus habitantes, do seu rio, etc.

Fão não pode continuar a ser uma estrada para camiões e para turistas que vão para o Norte e poucos mais.

Fão tem várias entradas que podiam ser bem aproveitadas e fazer da estrada do Bom Jesus a saída.

Não há grande escolha, como alternativa numa via paralela. Mas é mais fácil entrar por qualquer das ruas entre a Pá-Pá e a rua dos Bombeiros Voluntários e sair depois pelo B. Jesus, do que andar à deriva por ruazitas estreitas e desconhecidas.

Da janela da minha casa, perto da ponte, é que posso observar o caos do trânsito que se verifica ao fim do dia.

Quem da praia tem que forçosamente de entrar na rua dos B. Voluntários e sair junto da ponte. Tem que haver uma melhor solução e estudar com rigor um assunto tão importante.

Outro caso que aflige é a grande calamidade dos fogos nas nossas florestas. As razões de que só acontecem no Verão devem ser variadíssimas.

1.º o calor que favorece o fogo; 2.º os ventos que há no Verão; 3.º o mato seco e acumulado nos caminhos, mas principalmente vários interesses que estão por detrás de mão criminosas.

Este Verão foi um inferno. Não haverá um sistema de precaução que possa impedir tanta destruição? Não são só as matas e as florestas que ardem, são as habitações de quem mora no interior; são as colheitas destruídas; a terra queimada; o esforço dum ano de trabalho; é o medo de quem mora longe de recursos; etc., etc.

Isto não tem solução?

Quero aqui prestar a minha homenagem sincera a todos os bombeiros de todas as corporações que combatem heroicamente este flagelo, durante horas seguidas, sem descanso e com o risco da própria vida.

Merecem a nossa admiração e o nosso reconhecimento. Em contrapartida, se há mãos criminosas que provocam tais calamidades, que não tenham perdão e sejam julgados com rigor.

O fogo é pior que um ladrão. Tudo leva e tudo destrói.

Portanto, o Verão nem para todos são férias. Os bombeiros não as têm com certeza. E por aqui me despeço.

Teria muito que dizer, mas não me alongo mais.

(Atrasado na redacção)

Cartas ao Director

Ex.mo Senhor Director:

Em Setembro passei as minhas férias numa vila do Algarve que se compara a Fão: é vila mas não é comarca. Tive o cuidado de verificar como funciona e assim percorri-a várias vezes. Tem uma sede para a Junta que alberga a secção do Instituto do Emprego e um Centro de Saúde aberto até às 20 horas para atender especialmente quem está de férias. Existe ainda uma corporação de bombeiros municipais, e igualmente um postoda G.N.R. com muitos elementos que fazem rondas com cães-polícias. Tudo isto para segurança das populações autóctones e dos turistas. Nunca senti a caça à multa apesar de ver muitos carros em cima dos passeios. As ruas na sua quase totalidade são estreitas. Algumas floreiras impediam a entrada em cangostas, mas havia poucos sentidos proibidos, ao contrário do que acontece em Fão, o que faz que muita gente desista de entrar no centro da nossa terra. Aqui até se enganam os donos de uma esplanada pedindo-lhe para desmontarem a barraquinha de apoio, mas cedendo-lhe a antiga sede da Junta só que no ano seguinte não houve autorização para esplanada, tudo isto redundando em prejuízo de Fão, pois aquele lugar morreu, sem que a Junta se incomodasse com este desaparecimento. Os comerciantes queixam-se de não ter clientes. Agora, para cúmulo, esquecendo-se da vergonha da Av. António Veiga, vão destruir o jardim do Cortinhal tapando o acesso ao rio, destruindo duas ruas que os nossos antepassados nos legaram, bem como igrejas, Hospital, Bombeiros, Posto da Guarda Fiscal, Alameda do Bom Jesus, Clube Fãozense com sede própria, etc. Agora existe apenas a vontade de destruir a obra já existente. Parece que já não há imaginação para se criarem coisas novas. Fizeram do acesso à praia um caminho. Mais à frente existiam uns balneários novos. Foram destruídos para fazerem outros e proibiram o acesso de carros na parte norte do restaurante com grande mágoa daqueles que de automóvel subiam àquele lugar para contemplarem o pôr-do-sol. Sempre se lutou para que o Hotel Ofir nunca tomasse conta daquele local. Agora deram-lho de mão beijada.

Fão merece uma Avenida António Veiga com dois sentidos. Fão tem necessidade de dois sentidos na Rua Azevedo Coutinho. Fão merece uma avenida até à Estalagem Parque do Rio. Fão tem urgência de uma sede para a Junta. Já se anda a dizer isto há oito anos. Fão precisa de um acesso condigno à Pousada da Juventude. Fão precisa de acessos ao rio. Fão devia ter uma avenida pelo pinhal até Apúlia. Fão devia ter uma avenida junto ao mar só para peões. Fão tem fome de uma avenida à beira-rio. Tomem conta dos apontamentos que lhes deixo mas há mais. Sou autarca, vou no quarto mandato e gostaria de ver a nossa terra progredir e peço que lutem pelo engrandecimento do nosso querido Fão, onde se tem gasto milhares a destruir e de novo não vejo nada.

Meus amigos quando fui membro da Junta preocupava-me com coisas grandes e pequenas. Diariamente dava uma volta a Fão para ver o que era preciso. colocámos placas toponímicas em todo o Fão e pinhal. Agora há coisas que se partem e não são substituídas. Verifico que na rua Poeta Vinha dos Santos está uma tampa a causar perigo. A iluminação pública está uma desgraça. Lâmpadas fundidas ou falta de lâmpadas é o que se nota.

Peço à nossa Junta que dispa realmente a camisola e faça tdos os possíveis para desenvolver a nossa terra para bem de todos nós e para que os vindouros nos possam louvar.

A. Viana

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

No dia 23 de Outubro realizou-se uma Assembleia Extraordinária de Freguesia pedida pelos grupos PS e CDS/PP. O sr. José Luís leu a acta em substituição do sr. Emídio Real que não compareceu.

A acta foi aprovada por sete votos. Houve uma abstenção, a de Carlos Palma Rios por ter estado ausente.

No período "antes da ordem do dia" Luís Viana falou sobre a falta do Presidente da Junta que devia estar, não aceitando que o substituto fosse Norberto Mota. Perguntou por que motivo a bandeira nacional estava a meia haste. Responderam-lhe que tinha sido retirada.

Seguiu-se um esclarecimento sobre a construção de duas EBI (Escolas Básicas Integradas) que inclui a Primária, 2.º e 3.º ciclos. João Reis passou a palavra a Luís Viana que afirmou que uma dessas escolas tinha que ser construída e acrescentou que o Presidente de Belinho já andava a trabalhar nesse sentido. "Temos que lutar por isso e não podemos perder esta oportunidade". O Presidente Zé Artur esclareceu que estava a tratar disso e que a escola seria em Fão. Zé Luís disse que a Junta era responsável e não devia levar a mal a outras pessoas que se mostrem interessadas na resolução do caso. Continuando no uso da palavra afirmou que não havia democracia naquela assembleia acrescentando: "pela vontade do sr. Presidente da Câmara nunca mais teremos escola". Luís Viana quis saber se havia correspondência com a Câmara sobre o assunto, acrescentando que a Junta seria a responsável se perdessem esta oportunidade.

Passou-se depois ao tema da implementação de uma zona industrial em Fão. O sr. João Reis explicou que era uma necessidade haver uma zona industrial em Fão para dar empregos à juventude local. O Presidente da Junta respondeu que já se podia construir. O jovem empresário Paulo Sérgio esclareceu que pretendia construir lá (nas Pedreiras?) e não foi autorizado. Perguntou à Junta se não estaria disposta a fazer e alargar ruas pois assim como as coisas estavam não havia empresário que quisesse vir para Fão.

Manuel Carvoeiro aludiu ao problema da escola esclarecendo que até Maio a situação tem que estar definida. Na parte final Cassiano referiu a importância do tema em discussão: a zona industrial.

Artur Rolo queixou-se por o Presidente não o deixar intervir.

A finalizar o Presidente da Assembleia mais uma vez não aceitou um voto de pesar pelo Sr. Joaquim Novais.

António Viana